

Aspectos do mito das “idades do mundo” na Antigüidade*

Vicente Dobroruka

Professor de História Antiga da UnB

Doutor em Teologia, Oxford

Professor Visitante em Clare Hall, Cambridge

Membro do *Ancient India and Iran Trust*, Cambridge

Este artigo constitui-se como uma das etapas iniciais de um programa de natureza tipológica para discutir as passagens de textos da Antigüidade em que os mitos das idades do mundo, dos metais e das monarquias mundiais se apresentam. Embora o número de passagens seja grande, os trechos individuais são relativamente curtos, o que torna possível seu estudo em prazos relativamente curtos.

O tema reveste-se de especial importância pelo fato de, até o presente momento, as iniciativas acadêmicas em torno desses complexos míticos terem sido isoladas e muitas vezes deixarem a desejar quanto à suas conclusões gerais. Caso um esforço de abordagem conjunta houvesse sido tentado, os resultados teriam sido mais consistentes.

Este artigo objetiva, assim, preencher importante lacuna nas áreas de história da religião e de historiografia antiga, não apenas em nível nacional, ao propor um programa de trabalho tipológico/morfológico para os três complexos míticos supradefinidos. Por comodidade, adotou-se o mito das quatro idades do mundo como título do artigo por ser o mais difundido do conjunto e por ser, possivelmente, o mais relevante na longa duração.

O projeto no qual este artigo se insere pretende reunir, comentar e estudar em seu conjunto os trechos, em textos antigos de caráter historiográfico ou religioso, em que concepções metahistóricas envolvendo seqüências de impérios, eras ou metais manifestam-se de modo inequívoco.

Os mitos que expressam essas concepções são três, que podem combinar-se todos na mesma passagem, combinar-se dois a dois ou ainda aparecerem individualmente. O complexo mítico estende sua influência praticamente até os dias atuais, e até o

* Para as citações bíblicas utilizei a Bíblia de Jerusalém (São Paulo: Paulus, 1985), cotejada com os trechos em grego do software *BibleWorks 7.0*. Para os textos clássicos utilizei as edições da Loeb Classical Library e, para a única referência aos Manuscritos do Mar Morto, a edição inglesa de Geza Vermès. *The Complete Dead Sea Scrolls in English*. London: Penguin, 1997. As demais fontes são listadas conforme aparecerem ao longo do capítulo.

séc.XVIII pelo menos em suas versões literais (que consistem essencialmente de leituras radicais do *Apocalipse de João* e do livro de Daniel)¹.

Entendo que o tema reveste-se da maior importância pelo fato do complexo mítico analisado constituir-se em matriz de toda a reflexão metahistórica ocidental². Isto implica dizer que todas as teologias da história e, posteriormente, as filosofias especulativas da história seculares (tais como o positivismo e o marxismo) remetem, genealogicamente, à reflexão antiga sobre o sentido da história humana tal como expresso no mito das quatro idades e assemelhados³. Os *Einfluß-Studien* necessários para traçar esse percurso estão aquém do alcance deste artigo, mas pode-se ter uma idéia do que representariam lendo-se a obra introdutória de Karl Löwith⁴.

Na medida em que concepções metahistóricas são necessárias para a conformação de toda prática e narrativa historiográficas contemporâneas, o mito mostra-se relativamente importante entre os historiadores antigos (Heródoto, Ctésias, Políbio e Josefo entre outros). Os modernos não o utilizam mais (embora existam abundantes leituras atualizadoras de Daniel ou mesmo do *Apocalipse de João* que procuram “identificar” os impérios do mundo)⁵, mas permanecem tributários da matriz estabelecida pelos três mitos essenciais relativos ao sentido da história humana.

O primeiro mito em questão é o das idades do mundo, ou seja, a idéia de que o fluxo do tempo (não seria prudente falar ainda de história) organiza-se em fases, cada uma dotada de uma *essência* peculiar e que seguem uma seqüência degradante. Esse é o tema que preside ao mito das idades em Hesíodo⁶ e aos mitos indianos e persas que nos interessam⁷.

¹ Por razões de ordem metodológica e bom-senso, as leituras medievais e modernas do mito foram deixadas de lado (podendo eventualmente ser retomadas algum dia, quem sabe por esta mesma equipe de pesquisa), pois constituem um universo à parte e muito vasto para ser abordado juntamente com as variações antigas do mito. Como indicação bibliográfica inicial, cf. Bernard McGinn. *Visions of the End: Apocalyptic Traditions in the Middle Ages*. New York: Columbia University Press, 1979; Christopher Rowland. *Radical Christianity: a Reading of Recovery*. Cambridge: Polity, 1988 e Christopher Hill. *A Bíblia inglesa e as revoluções do século XVII*. São Paulo: Civilização Brasileira, 2003.

² Cf. notas 3 e 4 abaixo.

³ Norman Cohn. *The Pursuit of the Millennium*. New York: Oxford University Press, 1970 (existe tradução para o português); Rudolf Bultmann. *Histoire et eschatologie*. Neuchâtel: Delachaux et Niestlé, 1959.

⁴ *O sentido da história*. Lisboa: Edições 70, 1990 e Eric Voegelin. *Order and History*. Baton Rouge: Louisiana State University Press, 1987. Cf. ainda Vicente Dobroruka. “Post-scriptum - tempo, historiografia e especulação” in: *História e milenarismo. Ensaios sobre tempo, história e o milênio*. Brasília: EDUnB, 2003.

⁵ Harold H. Rowley. *Darius, the Mede and the Four World Empires in the Book of Daniel: a Historical Study of Contemporary Theories*. Cardiff: University of Wales, 1935.

⁶ *Os trabalhos e os dias*, 176 ss.

⁷ Em especial no *Mahabarata* (com paralelos no relato do gnóstico Bardesanes em Stobias 2.2) e no *Bahman Yašt* 1.1-5; cf. Geo Widengren. “Les quatre âges du monde” in: Geo Widengren et al. *Apocalyptique iranienne et dualisme goumrânien*. Paris: Adrien Maisonneuve, 1995. P.23 ss.

O segundo mito é o dos metais ligados às idades: podem ser também quatro, mas surgem em variantes de sete⁸. Convém tratar do complexo mítico dos metais como distinto daquele das idades, já que, embora os metais surjam sempre associados a idades e, em seqüência degradante, o mito das idades do mundo pode prescindir deles (como nas *yugas* indianas).

O terceiro e último mito abordado é o das monarquias mundiais e é, sem dúvida, o que apresenta mais variações individuais. Surge em várias ordenações de 3, 4, 6 ou até 10 potências que controlam os destinos do mundo num dado momento (mais do que dominarem a Terra por completo, uma vez que todas as culturas que produziram os relatos analisados neste artigo sabiam da existência de outras regiões não dominadas pelas monarquias supostamente universais).

Em Heródoto, o tema dos impérios mundiais manifesta-se em 1.95-130; em Políbio, 1.2; 29.21 e 38.2-3. Mesmo no Talmude da Babilônia o mito das monarquias mundiais aparece no tratado *Menachoth* 53b. Por fim, a passagem famosa de Daniel 7 é reinterpretada no *Quarto Livro de Esdras* (4Ezra 12:10 ss.), e pelo visto era tão comum na época a ponto de causar embaraço a um romanófilo como Flávio Josefo, que dela trata nas *Antigüidades judaicas* 10.11: com a ascensão de Roma ao posto de grande potência, ela passa a ser incluída na lista.

O mito é suficientemente homogêneo para que se possa colocar a variedade aritmética das potências dentro do mesmo padrão.

Convém ressaltar que os três complexos míticos acima definidos juntam-se com muita freqüência - os três ao mesmo tempo (como em Daniel e no *Bahman Yašt* 1.1 e 3.2⁹, por exemplo), dois a dois (como nos metais de Hesíodo) ou apresentam-se individualmente (como nas idades do mundo da mitologia indiana¹⁰ ou das monarquias universais da profecia dinástica babilônica¹¹). Como disse acima, por comodidade utilizamos o mito das quatro idades no mundo como “gabarito” a partir do qual medimos os demais, pela sua abrangência geográfica e assimilabilidade pelos demais complexos míticos analisados. Quero deixar claro que a proposta é estudar os três

⁸ John J. Collins. “Persian apocalypses” in: *Semeia vol.14 - Apocalypse: the Morphology of a Genre*. Missoula: Scholars Press, 1979. P.210.

⁹ Carlo G. Cereti (ed.). *The Zand i Wahman Yasn: a Zoroastrian Apocalypse*. Roma: Istituto italiano per il Medio ed Estremo Oriente, 1995. P.16.

¹⁰ Geo Widengren. “Leitende Ideen und Quellen der iranischen Apokalyptik” in: Daniel Hellholm (ed.). *Apocalypticism in the Mediterranean World and the Near East: Proceedings of the International Colloquium on Apocalypticism, Uppsala, August 12-17, 1979*. Tübingen: Mohr, 1983.

complexos em suas combinações e diferenças e que os exemplos acima estão longe de esgotar as passagens referentes ao tema.

O objeto de pesquisa deste artigo define-se, portanto, como o conjunto de passagens de autores da Antigüidade em que os mitos acima se manifestam e que até agora não foram editados em seu conjunto por ninguém (embora existam artigos isolados sobre sub-temas específicos, dentro do campo delimitado, como a ampla bibliografia sobre o tema revela). A metodologia a ser empregada é a análise morfológica e com ela, pretende-se bem mais do que a edição e comentário das passagens e autores em questão¹².

Deve-se ressaltar a intersecção do projeto de pesquisa do qual este artigo é uma espécie de “programa” com o trabalho corrente do Projeto de Estudos Judaico-Helenísticos - PEJ tanto para o ProIC-UnB quanto em nível de mestrado e doutorado para o período 2006-2011, todo ele centrado na questão da resistência cultural ao helenismo no Antigo Oriente Próximo.

Os recortes temáticos iniciais encontram-se abaixo. Antes da publicação final dos resultados do artigo em forma de livro, os artigos e comentários serão publicados *on-line* na medida em que forem sendo concluídos. Esses textos serão disponibilizados no *site* do PEJ (www.pej-unb.org); serão utilizados os recursos de hipertexto e navegação adequados¹³.

Isto dará visibilidade maior e imediata aos resultados do artigo, e terá a vantagem adicional de permitir correções e acréscimos conforme o desenvolvimento das atividades dos componentes, além de representar custo de publicação extremamente baixo.

Em termos de atribuição autoral (ou pseudônima / anônima) teríamos uma divisão inicial em:

i. Autores clássicos, com ênfase na historiografia

¹¹ Robertus van der Speck. “Dinastic prophecy” in: Wouter Herkman and Amélie Kuhrt (eds.). *A Persian Perspective: Essays in the Memory of Heleen Sancisi-Weerdenburg*. Leiden: Nederlands Instituut Voor Het Nabije Oosten, 2003.

¹² Cf. meu artigo “Por uma análise morfológica do complexo mítico das idades do mundo: metahistória, religião e resistência cultural no mundo helenístico-romano entre os sécs. V a.C. - VII d.C.”, no prelo.

¹³ Uma proposta semelhante à deste artigo encontra-se na página do PACE - *Project on Ancient Cultural Engagement* (<http://paceweb.cns.yorku.ca/>). O PACE vem realizando nos últimos anos a publicação *on-line* de toda a obra de Josefo, de acordo com a nova edição crítica organizada por Steve Mason e incorporando *links* e todo tipo de recurso auxiliar para o entendimento das relações entre Josefo e demais autores antigos que, como ele, situem-se na fronteira de universos culturais distintos como o grego e o judaico, ou grego e romano etc.

1. Hesíodo
2. Heródoto
3. Ctésias
4. Políbio
5. Demétrio de Falera
6. Anaxímenes
7. Josefo
8. Aemilius Sura (Veleio Patérculo)
9. Dionísio de Halicarnasso
10. Varro
11. Ennius
12. Pompeius Trogus
13. Apiano
14. Aelius Aristides
15. Platão
16. Arato
17. Ovídio
18. Tito Lívio
19. Tácito
20. Rutílio Namaciano
21. Estrabão

ii. Apocalíptica judaico-cristã

1. Daniel
2. Tobias
3. 4Ezra
4. 2Br
5. Apocalipse de João
6. 4QKingdoms
7. Testamento de Naftali

iii. Apocalíptica helenística-romana

1. *Oráculo de Hystaspes*
2. *Bahman Yašt*

3. “Profecia dinástica babilônica”
4. *Oráculos sibílinos*
5. Virgílio
6. Sérvio

iv. Tradição rabínica

1. Talmude da Babilônia

v. Patrística

1. Lactâncio
2. Agostinho
3. Orósio
4. Justino
5. Jerônimo
6. Eusébio

vi. Tradição indiana

1. *Māhābharata*
2. *Ṛg Veda*

Em suma, esta é uma proposta inicial tanto do ponto de vista do problema em questão quanto de possíveis encaminhamentos. Espero que este artigo cumpra sua função de “programa de ação” e que possamos, algum dia, ter um estudo de conjunto elucidativo e erudito acerca do complexo mítico das idades do mundo.

O programa proposto neste artigo pretende reunir, num mesmo texto (inicialmente sob a forma de mídia digital e, posteriormente, impressa) discussões e interpretações, ou ainda releituras, das passagens de fontes antigas referentes aos complexos míticos das idades do mundo, dos impérios mundiais, dos metais sucessivos ou de qualquer combinação dos três.

O texto final deve compreender tanto uma discussão de conjunto dos temas através da análise tipológica das fontes quanto uma edição individual das passagens (incluindo um comentário abrangendo a discussão acadêmica correspondente).

A edição impressa completa dos textos do artigo deverá ocorrer após sua publicação *on-line* supramencionada.